

SER-PROFESSOR DE CLASSES HOSPITALARES NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: RELATOS A PARTIR DE UM CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Ana Karyne Loureiro Furley- anakaryneloureiro@gmail.com -
<http://lattes.cnpq.br/6736589692524594>

Hiran Pinel - hiranpinel@gmail.com-
<http://lattes.cnpq.br/8940226139303378>

RESUMO

Este artigo objetiva descrever os desafios de ser-professor das classes hospitalares (CHs) no Estado do Espírito Santo a partir de relatos descritos em um curso de extensão universitária realizado no ano de 2018, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/PROEX). Trata-se de um estudo fenomenológico, onde a leitura do material apresentado pelos cursistas, fundamentados em Rodrigues (2012) e no método fenomenológico de investigação proposto por Forghieri (2001), (des)velou a fragilidade do ser-professor de classes hospitalares diante de um processo subjetivado pela falta de investimentos em políticas públicas e investimentos que deveriam ser assegurados pelo Estado.

Palavras-chave: Classes hospitalares, ser-professor, educação inclusiva, direitos.

As práticas educativas e o processo de escolarização não se restringem apenas aos espaços de ensino regular. Partindo de uma perspectiva de educação inclusiva e uma educação de direito, as classes hospitalares buscam atender a uma demanda educacional de crianças e adolescentes em idade escolar nas mais diversas circunstâncias. Assim sendo, evidenciou-se nesse artigo, o atendimento em classes hospitalares no Estado do Espírito Santo, enfatizando os desafios em ser-professor nesses espaços a partir de relatos de cursistas (professores de CHs) de um curso de extensão universitária.

Atualmente as classes hospitalares (CHs) no referido Estado estão localizadas nos seguintes espaços: Hospital Nossa Senhora da Glória (HINSG), Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil (ACACCI), Hospital Estadual Infantil e Maternidade Alzir Bernardino Alves (HIMABA) e Hospital da Polícia Militar (HPM). De acordo com Trugilho (2003) a “Classe Hospitalar Canto do Encanto” (HINSG), foi instalada desde o ano de

2000, através de um convênio entre o hospital, a Secretaria de saúde (SESA), a Secretaria de educação (SEDU) e a Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil (ACACCI), que fez a doação dos recursos provenientes da campanha McDia Feliz, e foi responsável pelo projeto social de estruturação da classe e pela sua manutenção (até os dias de hoje). Porém, somente no dia 01/08/2001 começou a funcionar visto que:

Como a SEDU não disponibilizava os professores necessários para o seu pleno funcionamento, foi necessário recorrer ao Diretor do HINSG, Dr. Nélio Almeida dos Santos que, (co)movido com a situação, remanejou a servidora Silvana Alves Teixeira, que possui formação em Pedagogia, para dar início ao funcionamento da classe (TRUGILHO, 2003, p. 93).

No momento presente, 19 anos após a inauguração da classe do HINS, o Estado do Espírito Santo ainda não possui políticas públicas que regulamentem e subsidiem o funcionamento dessa e de outras classes hospitalares. As informações revelam o funcionamento para um alto número de atendimentos, posto que as CH (classe e enfermarias/leitos) do HINSG e a CH (classe hospitalar) da ACACCI prestaram juntas 6.217 atendimentos no ano de 2019 (ACACCI, 2020 a).

Além da CH (classe e enfermarias/leitos) do HIMABA, em funcionamento desde o ano de 2008, atendeu no ano de 2019 uma estimativa de 126 beneficiários e 850 atendimentos anuais escolares crianças/adolescentes (SEDU, 2020).

E mais uma CH foi criada no Estado do Espírito Santo. Em Janeiro de 2020, o núcleo de onco-hematologia pediátrica que até então funcionava no HINSG, foi transferido para o HPM (ACACCI, 2020 b), que incluiu em suas instalações de atendimento de pediatria uma classe hospitalar (Lei nº13. 716/2018) e uma brinquedoteca hospitalar (Lei nº11. 104/05).

Diante dessa realidade, desses números, enfatiza-se a importância e a necessidade de investimentos nesse setor, tanto financeiro como de qualificação e capacitação aos profissionais que neles atuam.

Buscou-se obras que pudessem a partir dos relatos de experiências dos cursistas do Curso de extensão gratuito de 180 horas semi-presencial, tendo como número de registro SIEX: 100485, realizado no período de 29/09/2018 à 15/12/2018 pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) em parcerias com a Pró-Reitoria de Extensão (Proex) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e ACACCI, intitulado: Curso de extensão "Pedagogia, Brinquedoteca e Classe Hospitalar: um enfoque fenomenológico

existencial”, sob coordenação do professor Dr. Hiran Pinel, descrever os desafios de profissionais que atuam nos espaços das classes hospitalares. No entanto localizou-se em Rodrigues (2012) discussões que fundamentariam a proposta apresentada nesse artigo.

CURSO DE EXTENSÃO
(PELA 1ª VEZ NO ESTADO)

**“PEDAGOGIA, BRINQUEDOTECA E CLASSE HOSPITALAR:
UM ENFOQUE FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL”**

INÍCIO: 29 DE SETEMBRO
COM AULAS PRESENCIAIS E SEMIPRESENCIAIS
O CURSO É GRATUITO E PARA PARTICIPAR É NECESSÁRIO ENSINO SUPERIOR COMPLETO



O CURSO SERÁ COORDENADO PELO PROFESSOR DR. HIRAN PINEL E
PELA CO COORDENADORA ANA KARYNE FURLEY (MESTRANDA E
AFILIADA A ABBRI).

MAIS INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:
(27) 99942-5693
MATRICULASEXTENSAO@GMAIL.COM



Imagem: cartaz de divulgação Fonte: <https://pt-br.facebook.com/ACACCI/>

Em sua obra, Rodrigues (2012) descreve um projeto de extensão universitária enfatizando, dentre outras, a formação e a capacitação do professor da classe hospitalar e que “cabe à Universidade, enquanto agencia formadora, capacitar seus profissionais que exerçam práticas pedagógicas para além da sala de aula” (p. 23). Apresentando peculiaridades da educação em espaço hospitalar: a fragilidade, a dor, a finitude da vida, as responsabilidades institucionais, os cursos de formação, os direitos que devem ser assegurados por lei, a ação do Poder Público, o paciente-aluno.

Em consonância, os professores das classes hospitalares vivenciam o estar com, o estar junto ao outro no processo de morte vida no qual esse “aluno tem direito a educação até o último milésimo de vida” (PINEL, 2015, p. 10).

Recorreu-se ao método fenomenológico de investigação proposto por Forghieri (2001) através de um envolvimento existencial com a leitura dos relatos e com as memórias dos encontros presenciais (fenômeno) e um distanciamento reflexivo com o mesmo para poder descrevê-los. Segundo Pinel (2004, p. 01) diz: [...] a meta em uma pesquisa fenomenológica é chegar a vivência subjetiva (na objetividade do mundo) do outro, de acordo com o outro, isto é descrever o vivido pelo outro, a experiência do outro tal qual ele a vive, de acordo total com sua linguagem, ou expressões corporais, entre outros”.

A perspectiva fenomenológica, nesse caso usada como referência para orientar a prática pedagógica indica que nesse sentido o educador não é apenas um mero cumpridor de tarefas, ele a todo o momento, está envolvido com a prática pedagógica.

Descrevo aqui agora, as minhas percepções como co-coordenadora no curso de extensão universitária, sendo que:

A extensão universitária é a articulação do conhecimento científico advindo do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social (Pró-Reitoria de Extensão/UFES).

A divulgação do Curso foi realizada nas plataformas digitais da ACACCI e conseqüentemente, em rede de colaboradores e interessados na temática abordada. As inscrições foram na plataforma Googleforms e após a confirmação de documentação exigida, selecionou-se um total de 78 cursistas sendo 09 professores das classes hospitalares do HINSG, 02 professoras do HIMABA e 01 professora da ACACCI. Objetivou-se com o curso supracitado, compreender como se dá a atuação da pedagogia hospitalar em hospitais, ambulatórios e com a equipe multidisciplinar, respeitando, os modos de ser dos pacientes e alunos das classes e brinquedotecas hospitalares, ancorando tais reflexões, nos pressupostos históricos e legais. Evidenciando a capacitação de professores das classes hospitalares, a ementa buscou focar na linha de pesquisa da qual está inserida: “educação especial e processos inclusivos”.

Como dito anteriormente, o curso foi planejado a fim de atender uma demanda da educação (professores, pedagogos, outros) que atuam nas classes hospitalares no Estado do Espírito Santo, sendo este:

O atendimento pedagógico-educacional que ocorre em ambientes de tratamento de saúde, seja na circunstância de internação, como tradicionalmente conhecida seja na circunstância do atendimento em hospital-dia e hospital-semana ou em serviços de atenção integral à saúde mental (BRASIL, 2002, p.13).

Segundo Rodrigues (2012, p. 21) “um dos aspectos mais significativos desta escola hospitalar é a formação e a capacitação de seus professores”, no entanto, sabe-se que esses profissionais que atuam nesses espaços são contratados por meio de designação temporária (DT) e que na maioria das vezes, seus contratos tem validade de dois anos. Apresento aqui, alguns recortes dos relatórios apresentados por alguns cursistas, no qual é possível perceber a realidade não apenas das dificuldades de ser-professor da classe hospitalar, mas também o quanto esse espaço ainda não é percebido pelo Estado e pelos próprios profissionais que atuam dentro do hospital em que estão inseridos, portanto tipifica-se como violação de direito à educação e violação de direito em exercer o ofício de ser-professor.

Os profissionais da educação que atuam na classe hospitalar são contratados por processo seletivo em que a SEDU promove todo ano para DT (Designação Temporária), e suas contratações são de acordo com a necessidade do Hospital. Hoje a classe hospitalar conta com nove professores, sendo cinco pedagogos para atuar com alunos de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, um professor de Língua Portuguesa, um professor para atendimento pedagógico educacional especializado na área de conhecimento de Ciências Humanas (História, Geografia) e dois professores de matemática para atendimento pedagógico educacional especializado na área de conhecimento de Ciências Naturais que compreende (química, Física, Matemática e Biologia). Como as professoras são contratadas pela SEDU e seus contratos são firmados nos mesmos moldes das escolas regulares, a carga horária desses professores são de 25 horas semanais, de segunda a sexta feira de 7 às 12h para o turno da manhã e de 13 às 18 horas no turno da tarde, seguindo o calendário regular das escolas (CURSISTAS, GRUPO 3).

Nos relatos dos cursistas, trabalhar nesse espaço é algo desafiador, não apenas pela instabilidade financeira diante do prazo contratual, mas pelo medo a partir da

inexperiência em trabalhar em um ambiente de dor e sofrimento, no qual o professor não recebe, na maioria das vezes, nenhum apoio de atendimento psicológico:

[...] infelizmente nem todos os professores que são designados para lá se adaptam, antes a Secretaria de Educação (SEDU) especificava em seu edital o que era necessário para ocupar essas vagas, contudo, hoje não. Os mesmos professores da escola regular são os mesmos que são convocados para lá (CURSISTAS, GRUPO1).

A morte e o morrer foram outros aspectos descritos e sentidos por vários profissionais que atuam nesses espaços:

Por trabalhar no ambiente hospitalar, é inevitável conviver com a morte. Hoje, quero falar de outro tipo de morte- a morte em vida-, talvez seja a mais ferina, visto que os órgãos vitais funcionam, mas a esperança já chegou ao fim. Como é difícil olhar para uma criança/adolescente e enxergar a morte nos olhos dela. Fico comovido por uma profunda sensação de impotência e, ao mesmo tempo, com a responsabilidade de ser, por meio de alguma atividade, palavra ou brincadeira, o sopro de vida que ela precisa. A morte em vida, que me refiro, é o primeiro sintoma da “morte da morte”. A redundância proposital e de fácil entendimento é, para mostrar que a morte se mostra de várias formas... A morte pode acontecer no mesmo ser por várias vezes: morte de expectativas, dos sonhos (acredito que o sofrimento mate um pouco do amor). Parece forte e pesada a minha fala? A morte em vida, como nos relatou Pe. Leo (Canção Nova), a cometido por câncer, nos tira a dignidade. “A dor tira a dignidade do ser”. Como foi difícil superar a morte de alguns pacientes-alunos. Saber que, num dado momento, tudo que elas tinham era a dor e a certeza da partida (CURSISTA 1).

Rodrigues (2012) enfatiza a respeito da importância da educação nesses espaços e explana um questionamento: “O que estamos oferecendo aos internos em idade escolar?” (p. 49). Trago o depoimento de um grupo de professores, que relataram:

A necessidade da formação específica “grita por socorro”, dada à importância do papel do pedagogo dentro do hospital. Ele vai além do mediador de conteúdos curriculares, ele auxilia, estimula o aumento da autoestima e da autoconfiança do professor, alunos, pais do hospitalizado. Ele de forma concreta, trabalhando com as possibilidades e não com as limitações das pessoas envolvidas nesse ambiente hospitalarem possibilita e reaviva o simples ato de sonhar. Este profissional vivência sensações e emoções de forma intensa e lida com elas na medida em que auxilia a todos da melhor forma possível, no convívio com a doença e o ambiente hospitalar (CURSISTAS, GRUPO2).

Não obstante, a aceitação por parte da própria equipe do hospital foi relatado por boa parte dos cursistas, assim como o despreparo da própria instituição de curso superior e

da própria Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo (SEDU) em formar esse profissional para trabalhar em ambiente hospitalar.

Nota-se que este servidor não é reconhecido como necessário para os hospitais. Também durante sua formação, nunca ouviu falar desta modalidade e que realmente só conheceu pelos editais de processos seletivos, e que ele acredita que a formação deste profissional tem que ser dentro das faculdades e não só nas especializações. No estado do ES não há quase nada sobre isso. O pedagogo sequer conhece os objetivos do Hospital como a classe hospitalar está inserida, como é o quadro legislativo e os direitos das crianças hospitalizadas, ou com graves doenças impossibilitando-as de frequentar uma escola (CURSISTAS, GRUPO 2).

E quando indagados sobre os desafios, foi possível encontrar os seguintes depoimentos:

Um dos grandes desafios é que o professor ainda é visto pela equipe de saúde como mais um “elemento” no hospital para garantir a política de humanização. Percebo que ainda há certo desconhecimento da atuação e função desse profissional dentro do ambiente hospitalar (CURSISTA 2).

No mais:

No ES é pouco ofertada essa modalidade como realização de seminários, grupo de estudo específico, encontros e cursos anuais, por ser uma modalidade que ainda é completamente desconhecida (CURSISTAS, GRUPO 2).

Discussão dos resultados

Em decorrência desta realidade, fragilidade do ser-professor de uma classe hospitalar é (des)velada. Fragilidade não apenas por ser em existência humana, mas por vivenciar e sentir-com a dor do outro. Dor pela finitude da vida, dor por tomar para si a incompletude de existência de um paciente-aluno e, por ter que conviver com a dura realidade de um Estado que os ocultam. Como falar de inclusão de alunos e de professores em um espaço que nem sequer foi incluído socialmente pelo Estado? Prezamos pelo direito a saúde e a educação em todas as esferas sociais Direitos são direitos e isso basta! Por nenhum direito a menos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACACCI. **Informativo Eletrônico da ACACCI**. Ano 4. Nº21. 2020 b. Disponível em http://acacci.org.br/wp-content/uploads/2020/02/ACACCI_ONLINE_FEV_2020_compressed.pdf Acesso em: 16 de Fevereiro de 2020.

ACACCI. **Informativo: Especial de Dezembro da Associação Capixaba Contra o Câncer Infantil**. 2020 a. Disponível em: <https://www.facebook.com/ACACCI/> Acesso em: 10 de Fevereiro de 2020

PINEL, H.; SANT'ANA, A. S. C.; COLODETE, P. R. (org.). **Pedagogia hospitalar numa perspectiva inclusiva**: um enfoque fenomenológico existencial. Teresina: EDUFPI, 2015

Pró-Reitoria de Extensão/UFES. Disponível em <http://www.proex.ufes.br/o-que-%C3%A9-extens%C3%A3o-universit%C3%A1ria> Acesso em: 02 de Janeiro de 2020.

RODRIGUES, Janine Marta Coelho. **Classes hospitalares: o espaço pedagógico nas unidades de saúde**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SEDU. **Correspondência via e-mail**. Vitória, ES: e-mail, 2020.

TRUGILHO, S. M. **Classe hospitalar e a vivência do otimismo trágico: um sentido da escolaridade na vida da criança hospitalizada**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2003.

SOBRE O AUTOR/ A AUTORA:

Mestre em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Psicopedagoga. Especialista em Atendimento educacional escolar (AEE) e Educação Inclusiva e Especial. Brinquedista Hospitalar e Afiliada a ABBri (Associação Brasileira de Brinquedotecas).